

DIFERENÇAS ENTRE MICROHABITATS UTILIZADOS POR *Hypsiboas geographicus* (Spix, 1824) (AMPHIBIA) EM UMA ÁREA DE MATA AMAZÔNICA CILIAR E UM FRAGMENTO URBANO NA REGIÃO CENTRAL DE RODÔNIA

Lucimeire Eliane Zanettin¹

Francisco Carlos da Silva²

Vitor Quadros Altomare Sanches³

A espécie *H. geographicus* (Hylidae), é um anuro arborícola, pouco exigente em relação à qualidade de microhabitats. A descrição de microhabitats usados pela espécie é importante como base para elaboração de programas de recuperação ambiental. O objetivo deste estudo foi comparar descritivamente os microhabitats utilizados por *H. geographicus* em um fragmento de mata ciliar levemente impactado, onde existem corpos d'água lóticos permanentes sob influência do Rio Urupá (A1), (11°04' 17.31 S; 62°12'50.120"W), Urupá, RO, com um fragmento urbano de floresta e suas adjacências (A2), no Campus do Centro Universitário Luterano (10°51'46"S; 61°57'37"W), Ji-Paraná, RO. A2 é composta por um fragmento florestal alterado com um lago temporário, próximo ao fragmento há um açude em área aberta, com gramíneas e arbustos na margem. Ambas as áreas medem 35ha. Foram feitas coletas mensais entre outubro de 2007 e março de 2008 (A1) e outubro de 2009 e março de 2010 (A2). O esforço amostral foi de 48 horas em cada área. Os espécimes foram identificados através de literatura, vocalizações, visualização e coleta de exemplares, que foram sacrificados com Lidocaína gel a 2%, fixados em formol 10%, conservados em álcool 70% e depositados na coleção de Vertebrados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A menor abundância foi registrada no ambiente A1, podendo ser um reflexo da maior riqueza de espécies na mesma área, que é devida, provavelmente, à estrutura da cobertura vegetal. A espécie utilizou com maior frequência microhabitats com a altura de 1,22m no ambiente A1, enquanto que no A2 a altura média é de 0,78m. Isso pode ser uma consequência da menor diversidade de microhabitats existente na área A2, mais alterada. Na A1 86% dos indivíduos parecem preferir arbustos e galhos finos a 1,2m do solo, enquanto 13% utilizaram folhas de palmeiras (Arecaceae) a 1,05m. Na A2, 73% dos espécimes utilizaram galhos finos e folhas de vegetação arbustiva a 0,77m do solo, 15% em folhas de plantas do grupo da comigo-ninguém-pode (Aracea), a 0,86m, 5% sobre o folhíço, 4% em vegetação herbácea a 0,60m de altura e 2% sobre gramíneas em uma altura média de 0,57m. A abundância registrada em A1 pode estar associada à característica generalista da espécie, que demonstrou usar vários tipos de microhabitats nessa área. Em relação a A2, observa-se um menor número de microhabitats utilizados, reforçando a hipótese de que nessa área existe maior número de espécies especialistas competidoras.

Palavras Chave: abundância, espécie, generalista

¹ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, Membro da Sociedade Brasileira de Herpetologia. E-mail: meirezanettin@gmail.com

² Biólogo, bacharel com ênfase em ecologia. Mestrando em Genética e Toxicologia Aplicada pela Universidade Luterana do Brasil. E-mail: fcsbiologicalscience@gmail.com

³ Professor do curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná. E-mail: vitorqasanches@hotmail.com